



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

AURINO CAJAÍBA DA SILVA: MEMÓRIA, CULTURA E ARTE EM VITÓRIA DA CONQUISTA

Potira Pereira Gusmão Maia*
(UESB)

Milene de Cássia Gusmão**
(UFBA)

INTRODUÇÃO

Segundo a mitologia grega, a palavra memória guarda a deusa Mnêmesis, deusas protetoras da justiça e da vingança e da sua ligação com Zeus nasceram nove musas dentre elas a Arte e a História.

Ao longo da História, a memória foi entendida por diferentes vieses, sobretudo nos últimos cinquenta anos. Para Tedesco (2002), memória é o ato de “recuperar mentalmente a imagem” e se dá por meio de diferentes suportes que podem ser de natureza icnográfica - fotografias, álbuns, etc., de natureza objetual que compõe o universo de bens ou patrimônios materiais e de natureza perceptiva e sensorial - sons, ruídos e cheiros, os quais compõem um rico universo de bens ou patrimônios imateriais. Dentro deste conceito, cabe o dueto lembrança/esquecimento que são faces do mesmo processo e traduzem interesses pessoais e redes de interesses existentes na sociedade. As tentativas de resgate do passado têm em vista os objetivos para o presente e futuro, por isso, Le Goff (1996) afirma que a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.

* Licenciada em Pedagogia pela UESB e estudante do Curso de Pós Graduação em Educação, Cultura e Memória do Museu Pedagógico/UESB. E-mail: potiramaia@hotmail.com

** Professora e Coordenadora do Curso de Especialização em Educação, Cultura e Memória. Mestra em Memória Social e Documento pela Uni-Rio e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: mcsgusmao@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

“Se é verdade que todas as formas de herança cultural são frágeis, os bens imateriais, alojados nas mentes e nos corações das pessoas, são ainda mais” (CUÉLLAR, 1997: 232). Neste sentido, o estudo da memória a partir das fontes documentais e, sobretudo orais é de fundamental importância para a compreensão da cultura em seus diferentes âmbitos.

Cultura teve seu conceito definido pela primeira vez por Tylor em 1871: “tomado em seu amplo sentido etnográfico, é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, apud LARAIA, 1996: 25). Aqui, o conceito de cultura é dado numa abordagem etnográfica, mas não se deve perder de vista o seu relativismo frente à dialética das dinâmicas sociais.

Segundo Cuche (1999) O conceito de cultura passou por muitas metamorfoses, desde então; além de ter sido utilizado por diferentes ciências com os sentidos mais particulares. No entanto, ele é compreendido aqui, a partir das definições das Ciências Sociais; que também são múltiplas, dispares, e em constante processo de definição. Assim, utilizo o conceito com base no multiculturalidade – que não perde de vista o relativismo cultural, a diversidade e a dialética existente nas dinâmicas sociais.

Pode-se afirmar que a arte é um importante instrumento de manifestação da cultura, ela é a materialização do discurso de um indivíduo num tempo e espaço cultural de interlocução. “Desde a Pré-História, a atividade artística servia à interpretação do mundo e do homem no mundo. O primeiro legado da humanidade depois das ferramentas mais simples, antes que houvesse a arquitetura, música, literatura, etc.” (BAUMGART, 1999: 2).

Este processo exige do artista “dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma” (FISCHER, 2002: 14). Isso faz com que a arte tenha uma estreita relação entre estas duas categorias de análise: a



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

memória, através da materialização de experiências, e a cultura como um fenômeno e instrumento de construção cultural.

É neste contexto que se insere a proposta desta pesquisa, cujo objetivo é compreender as redes de relações que compuseram Aurino Cajaíba da Silva, como este se constituiu artista plástico e transformou-se numa referência no movimento artístico conquistense.

Aurino Cajaíba da Silva ou somente Cajaíba, nasceu em 25 de novembro de 1917, mudou-se com a família para Vitória da Conquista em 1956, instalou-se num casebre no alto da Serra do Periperi onde deixou uma vasta obra. Em seu “museu” a céu aberto deixou mais de sessenta figuras esculpidas em cimento, areia e ferro retratando sua leitura de muitos dos principais momentos da História, além de figuras de militares, mulheres e cenas de seu cotidiano. “Minha inspiração vem das dores que sofri e acumulei. Outras inspirações são predestinações divinas” (in: MENDES, 1998: 17).

Cajaíba conseguiu alcançar o reconhecimento em 2 de dezembro de 1967, quando a revista Manchete divulgou nacionalmente uma reportagem intitulada “A História Fantástica de Cajaíba” onde foi narrada a vida do homem que driblou a miséria e a falta de estudos para se tornar um grande escultor. Através desta matéria ele foi levado para São Paulo, no entanto, resolveu buscar o reconhecimento em sua terra, não a terra natal, mas aquela escolhida – Vitória da Conquista. Em 1977, Cajaíba foi consagrado no curta-metragem “Cajaíba: Lições de Coisas - O Fazendeiro do Ar”, documentário sobre vida e obra do escultor dirigido por Tuna Espinheira, assistido inclusive na França.

Hoje, suas obras encontram-se abandonadas, em processo de degradação e, apesar de aparentemente serem consideradas referência dentro do movimento das Artes Plásticas no município, grande parte da população conquistense desconhece essa produção e seu autor.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

A maior inquietação que motivou a construção desta proposta, portanto, refere-se a esse aspecto: as relações que transformaram Cajaíba num ícone artístico do município mesmo não tendo nascido em Vitória da Conquista, e, sendo um homem pertencente a um grupo economicamente subalterno, da cultura popular, passou a representar não só toda uma coletividade, mas, sobretudo, incorporou suas obras aos gostos de uma classe elitizada. O que fez com que este homem que alcançou o reconhecimento em vida fosse esquecido após sua morte e submetido à margem das memórias sociais conquistenses?

“As relações culturais devem então ser estudadas no interior dos diferentes quadros das relações sociais, as quais podem favorecer a integração, a competição, o conflito, etc.” (CUCHE, 1998: 125). Esta pesquisa, portanto, se pauta na análise dos percursos de memória em que se insere Cajaíba e o movimento das Artes Plásticas em Vitória da Conquista, a partir das redes de relações sociais, partindo da própria memória, considerando-a em suas dimensões e como instrumento metodológico da investigação que “desponta como uma ferramenta poderosa nas estratégias devotadas à elaboração e re-significação de identidades na contrapartida dos esforços dedicados às correções de narrativas” (FARIAS, 2005: 32).

Para fundamentar tais discussões recorrerei aos teóricos da Sociologia Cultural (Sociologia da Cultura): Pierre Bourdieu - analisa como os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo, que a produzem, a legitimam e a reproduzem; Norbert Elias - estuda a sociedade a partir de suas estruturas, configurações que se formam pelos processos sociais e relações de poder relativas às conexões sociais; Néstor Garcia Canclini - pesquisa a relação da globalização com a(s) cultura(s), sua ligação com a questão do consumo e da cidadania; Jesús Martín-Barbero - teórico estudioso da Comunicação e Cultura; Renato Ortiz- analisa a cultura no contexto pós-moderno da globalização e suas implicações. Além dos teóricos do campo da memória como João Carlos Tedesco que vem contribuir com o entendimento de memória coletiva



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

ou social e seus domínios, a lembrança e o esquecimento, Jacques Le Goff – para a compreensão da memória dentro do âmbito da História, entre outros que se fizerem importantes para a construção do objeto de pesquisa no decorrer do processo.

REFERÊNCIAS

- BAUMGART, Frits. Breve História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo, Brasiliense, 2000.
- CUCHE, Denys. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru (SP): Edusc, 1999
- CUÉLLAR, Javier Pérez (org). Nossa diversidade criadora: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas: Papirus, 1997.
- ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FARIAS, Edson. Alguns apontamentos sobre o dueto Memória e Modernidade. 2005. Artigo produzido para a disciplina Memórias e Narrativas em Contextos de Modernização, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal da Bahia. 2005
- FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- KARNA, Leandro e FREITAS NETO José Alves de (orgs.). A escrita da memória: interpretações e análises documentais. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito antropológico. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996
- LE GOFF, J. História e memória. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LENSKIJ, Tatiana e HELFER, Nadir Emma. A Memória e o Ensino de História. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000.
- MENDES, Euclides S. Escultor que transformou a própria vida em arte. Revista Conexão, ano 2, n.14 , p. 16,17, julho de 1998.
- SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- TEDESCO, João Carlos (org.). Usos de Memórias (política, educação e identidade). Universidade de Passo Fundo: RS, UPF, 2002.
- VIANA, Aníbal Lopes. Revista Histórica de Conquista. Vitória da Conquista: O Jornal Conquista, 1983.